

SEVERINO BOÉCIO E O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS

Severino Boécio and the question of universals

Claubervan Lincow Silva
Marcilio Bezerra Cruz¹

RESUMO: O presente artigo objetiva examinar o pensamento de Severino Boécio acerca da aporia dos termos universais e suas respectivas implicações nos séculos V e VI da era cristã. Tais pensamentos são postos por ele em seu *Comentário à Isagoge de Porfírio*, fazendo ligações com algumas das principais obras que contribuíram para com o assunto. Boécio acaba por aplicar os termos universais à pluralidade das coisas, demonstrando que podemos pensá-los num sentido singular, quando, por exemplo, os percebemos sensivelmente nas coisas individuais do mundo. Destarte, buscaremos explicar brevemente, nas páginas subseqüentes, as premissas propostas por Severino Boécio àquele que foi um dos problemas mais marcantes da filosofia medieval: o problema dos universais.

Palavras-chave: Problema dos Universais; Severino Boécio; Isagoge; Pluralidade.

ABSTRACT: This article aims to examine the thought of Severinus Boethius about the standoff between the universal terms and their implications in the fifth and sixth centuries of the Cristian era. Such thoughts are put by him in his *Commentary on Porphyry Isagoge*, making connections with some of the major works that contributed towards it. Boethius eventually applies the universal terms to the plurality of things, demonstrating that we can think of them in a unique way, when, for example, we notice substantially the individual things of the world. Thus, we will try to explain briefly, in the subsequent pages, the assumptions proposed by Severinus Boethius to whom was one of the key problems of medieval philosophy: the problem of universals.

Keywords: Problem of Universals; Severinus Boethius; Isagoge; Plurality.

¹ Bacharel em Teologia (*in Studere*) pela Faculdade Teológica Integrada e graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco.

¹ O “*Saeculum obscurum*” foi utilizado pela primeira vez pelo Cadreal e Históriador Italiano César Barônio (1538-1607) e não compreendia toda a idade média, mas apenas um período que iria do século V-IX a.C; período caracterizado, sobretudo, por conflitos religiosos e populares. Sobre este assunto cf. DWYER, 1988, p. 155.

INTRODUÇÃO

O período Medieval, apesar de ser chamado de forma corriqueira e equivocada de “*Idade das Trevas*”², é marcado, sobretudo, por grandes transformações positivas do pensamento humano. Há, por exemplo, um resgate mui atenuado das principais contribuições filosóficas do período helênico e uma adoção destacável dos elementos básicos da cultura semita na formulação das suas teorias mais basilares.

Severino Boécio, como um dos grandes autores do período Medieval, não poderia ficar ausente de tais características. Traduzindo algumas das obras do *corpus* Platônico e Aristotélico, ele acaba por resgatar seus pensamentos – observando a necessidade de retomar os seus estudos. Seu objetivo era encontrar os pontos similares entre os dois maiores filósofos da Grécia para então extrair o que havia de mais positivo entre eles e aplicar aos problemas do seu tempo.

Com o seu olhar peculiar, Boécio acabou por encontrar, na obra *Isagoge* de Porfírio, o fio de um problema filosófico levantado por Aristóteles que acabaria por permear toda a trajetória histórica da humanidade. O problema dos universais, assim denominado por Boécio, acabou por se tornar a essência maior de sua filosofia, influenciando, posteriormente, as correntes filosóficas do *Nominalismo* e, principalmente, o *Realismo Moderado* de Pedro Abelardo.

Buscaremos delimitar tal problemática a partir da solução encontrada por Boécio que procura restringir a singularidade do universal, na medida em que ele se demonstra através dos nossos sentidos.

Severino Boécio e a filosofia

Anicius Manlius Torquatus Severinus Boetius nasceu em Roma por volta de 470 d.C e faleceu em 525. Foi um grande tradutor e filósofo, cujos escritos tornaram-se uma fonte indispensável de conhecimento para todos os filósofos posteriores ao seu tempo. Sua obra é, sobretudo, “multiforme, não havendo um só de seus aspectos que não tenha influenciado a Idade Média, mas em parte alguma, sua autoridade foi mais difundida que no terreno da lógica” (GILSON, 1995, p. 160). A ele devemos o já supramencionado comentário sobre o *Isagoge* de Porfírio³, algumas traduções comentadas das principais obras Aristotélicas sobre a linguagem, além de uma série de outros tratados lógicos.

Com tantas obras voltadas à lógica, Boécio tornou-se um referencial na Idade Média sobre o assunto, até o momento em que, no século XIII, o *Organon* de Aristóteles foi inteiramente traduzido, transformando as obras de Boécio em objetos de descobertas amplamente progressivas. Uma delas, a título de exemplo, influenciou profundamente os estudos sobre a Trindade na Escolástica, intitulado nosso filósofo de “o último dos romanos e o primeiro dos Escolásticos”:

No Ocidente, Boécio é considerado o último romano e o primeiro escolástico, introduziu, por meio de traduções e comentários, o pensamento aristotélico, especialmente ao que se

² O “*Saeculum obscurum*” foi utilizado pela primeira vez pelo Cadreal e Históriador Italiano César Barônio (1538-1607) e não compreendia toda a idade média, mas apenas um período que iria do século V-IX a.C; período caracterizado, sobretudo, por conflitos religiosos e populares. Sobre este assunto cf. DWYER, 1988, p. 155.

³ Do grego clássico, *Isagoge* quer dizer “introdução”. É uma tradução latina de Boécio da obra de Porfírio que fora intitulada por *Introducion in Praedicamenta*.

refere à lógica, enquanto que sua “Consolação da Filosofia”, muito lida e comentada em toda a Idade Média, tem uma base neoplatônico-escolástica⁴. (GRABMANN, 1949, p. 10-11).

Além de absorver a filosofia lógica de Aristóteles, Boécio também deve uma boa parte de seus conceitos aos pensamentos provenientes da Patrística – a qual se destaca em seu livro *“In Boethium de Trinitate: Proemii textos et explanatio”* uma influência categórica do santo doutor da igreja, Agostinho de Hipona. No supracitado livro, Boécio tenta mostrar, através da racionalidade, como é possível compreender a Trindade, utilizando como base a máxima Agostiniana⁵: *“Intellige ut credas, crede ut intelligas”*. Este pensamento agostiniano partilha, não somente o estímulo filosófico da fé, como também mostra a razão como uma arma em favor dela. Boécio também absorve do bispo de Hipona, o importante conceito de Deus como uma *essentia*; como um SER imutável sem qualquer variação ou transformação.

Não obstante, o seu grande êxito filosófico não é advindo apenas de filosóficos anteriores a ele. Sua mais importante contribuição filosófica se deu através de sua incontável vontade de traduzir todos os tratados aristotélicos e diálogos Platônicos posicionando-se amiúde na medida em que demonstrava a grande similaridade que havia entre ambas as doutrinas – trabalho que acabou sendo interrompido por conta de sua morte prematura.

Para ele a filosofia se dividia essencialmente em dois tipos: *teórica e especulativa e ativa e prática*. A filosofia especulativa subdivide-se em tantas ciências quanto às classes de seres efetivos no mundo. A teórica, por sua vez, se desdobra sobre três tipos que seriam os objetos do conhecimento verdadeiro: *os intelectíveis* (ou “intellectibilia” por Mario Vitorino⁶), *os inteligíveis* e os *naturais*.

Os seres intelectíveis são aqueles que existem – ou que deveriam existir – exteriormente a matéria; nessa categoria podemos enquadrar Deus, os anjos e até as almas desvinculadas dos corpos. Os inteligíveis seriam os seres que poderiam ser contemplados, ou melhor, captados pelo pensamento puro, mas que em algum momento de sua existência acabaram por cair na matéria corporal. Esses seriam, por exemplo, as almas em seu estado presente que se corromperam ao entrar em contato com a matéria corporal⁷. O estudo desses respectivos entes não ganhou nenhuma nomenclatura específica na filosofia, mas o estudo dos entes intelectíveis ficou tradicionalmente conhecido por Teologia.

Por fim, aos estudos dos corpos naturais, Boécio atribuiu como ciência “a fisiologia” ou “a física”. A física é uma ciência composta por quatro disciplinas que tem como principal objetivo estudar os corpos naturais do mundo; a aritmética, a astronomia, a geometria e a música ficaram conhecidas por toda a Idade Média como disciplinas do

⁴ “Em occidente, Boécio el último romano y el primer escolástico, introdujo por medio de traducciones y comentarios el pensamiento aristotélico, especialmente en lo que se refiere a la lógica, mientras que su “*Concolatiophilosophiae*”, muy leída y comentada en la Edad Media, tiene una base neoplatónico-escolástico”.

⁵ “Um texto célebre do Sermão 43 resume essa dupla atividade da razão numa fórmula perfeita: compreender para crer e crer para compreender” (GILSON, 1995, p. 144).

⁶ Patrístico, nascido em Perávio, Caio Mario Vitorino (285-362 d.C) escreveu alguns tratados teológicos. Dentre eles podemos encontrar: “Sobre Ario” e “Sobre São Paulo”.

⁷ Tal pensamento de Boécio referente a queda dos seres inteligíveis em matérias corporais, assemelha-se ao pensamento gnóstico do *Maniqueísmo* do qual acreditava-se que a corrupção do Bem se dava quando estes entravam em contato com a matéria advinda do mal. Agostinho em seu livro *“Liberium Arbitrium”* contesta ferozmente tal heresia: “se os maniqueus quisessem refletir, sem que um zelo funesto os leve a defender o seu erro, e se temessem a Deus, não blasfemariam impiedosamente ensinando que há duas naturezas, uma boa, a que chamam de Deus, e outra má, não criada por Deus”. Segundo Agostinho, *Sobre a Natureza do Bem*, 41 (*apud* COSTA, 2002, p. 62).

Quadrivium e são oriundas desde a Grécia Clássica – como, por exemplo, as disciplinas teóricas ensinadas na Academia de Platão. Essas quatro áreas do conhecimento compõem o que ele chama de “os quatro caminhos para a sabedoria” e sua recusa desembocará na ignorância ou na total incapacidade de amar a sabedoria ou, em outras palavras, de filosofar.

Já em contrapartida com a filosofia teórica que, como vimos, busca essencialmente conhecer os objetos *verdadeiramente*, a filosofia prática se divide objetivando melhorar os atos éticos e políticos das pessoas, do Estado e da humanidade. A sua primeira divisão, por exemplo, visa conduzir os seres individuais na busca de suas virtudes pessoais; a segunda visa conduzir o Estado em sua melhoria política e a terceira visa conduzir a administração da sociedade doméstica de forma geral. Todas elas somam-se com mais três disciplinas linguísticas e solidificam-se naquilo que será entendido posteriormente por *Trivium*: a gramática, a retórica e a lógica⁸.

Toda a lógica Boeciana caracteriza-se por ser um comentário da lógica aristotélica através de uma interpretação visivelmente platônica. Dentre os inúmeros problemas lógicos apresentados por Aristóteles e seus comentadores, Boécio acabará por se concentrar maior atenção naquele sobre a natureza das ideias gerais, ou sobre os Universais – levantados pela primeira vez por Porfírio na *Isagoge*.

A concepção Boeciana dos problemas dos universais

A *Isagoge* de Porfírio é uma obra dirigida à Crisóstomo, seu discípulo, que fora escrita, substancialmente, para melhor delimitar as doutrinas aristotélicas voltadas aos conceitos de “definição”, “divisão” e “demonstração”. Ela também procura evidenciar como Aristóteles, em suas *Categorias*, compreendia os conceitos de “gênero”, “espécie”, “diferença” e “acidente” – conceitos de importância ímpar para a filosofia lógica do Estagirita. A sua intenção com essa “introdução” é explicitar detalhadamente a doutrina dos *peripatéticos*, buscando responder a dúvidas lógicas que pareciam lhe afligir, a saber, se os gêneros e as espécies são corporalmente existentes na natureza ou apenas *abstracionismos* efetuados dos objetos singulares da natureza.

Ao traduzir a *Isagoge* para o latim, Boécio deparou-se com cinco princípios filosóficos que são interligados, respeitando uma perspectiva lógica de sucessão subordinativa, onde tais classes descrevem qualidades e classificam as coisas numa divisão minimamente taxonômica. *Genus*, *Species*, *Differentia*, *Proprium* e *Accidens* trouxeram consigo três questões fundamentais sobre os conceitos Universais que, a partir das primeiras respostas de Boécio, engendraram uma querela que desembocará, sobretudo, no século XII, com diferentes vertentes fortemente munidas de bases filosóficas:

O problema dos universais é um campo de batalha no qual os adversários só entram em combate já munidos de todas as suas armas. Metafísicas adversárias mediram suas forças concorrendo para ver quem saberia resolvê-lo melhor, mas não nasceram das soluções que propunham para ele (GILSON, 1995, p. 163).

⁸ Para Boécio, a lógica do *Trivium* pode ser tanto entendida como um auxílio para a delimitação da verdade e da falsidade, como pode ser compreendida como uma parte da filosofia que serve para efetuar o discernimento e o conhecimento.

Sobre seus dois comentários à *Categoria* de Aristóteles, Boécio prevalece com a concepção Peripatética sobre o problema dos universais, na qual, *é impossível que as ideias gerais sejam construtivamente substâncias*, mas é mais plausível que elas estejam nas coisas substâncias como um processo de abstração mental. Existem prós e contras a respeito desta perspectiva, onde o que é comum a vários não pode ser estritamente de um só. A diversificação das coisas, as quais um universal está conectado, torna-se comum e pode prejudicar o próprio conceito de universal, tornando-o também múltiplo. Tal fundamentação se dá para Boécio pela proposta de que se uma coisa é demonstrada comum a muitas coisas, ela jamais pode ser múltipla, mas sim, exclusivamente individual.

Foi por isso que o primeiro problema suscitado por Boécio contra os universais é o argumento do *regresso infinito*. Se considerarmos, por hipótese, a existência dos universais, teremos que achar, em cada um deles, algo em comum com os demais. Por exemplo: o gênero “animal”, sendo comum a diferentes tipos de seres, deve também possuir algo de comum com outros gêneros, ou seja, devemos encontrar um gênero neste gênero e, por sua vez, um gênero do gênero do gênero e assim sucessivamente, caindo num regresso ao infinito.

É exatamente isso que nos aponta Bento Silva Santos no seu artigo “*Os argumentos de Boécio prós e contra os universais no segundo comentário à Isagoge de Porfírio*”:

O argumento do regresso ao infinito deve ser entendido, portanto, não no sentido de que Boécio negue a possibilidade de chegar às dez categorias como gêneros supremos da realidade, mas como impossibilidade de construir uma hierarquização única da realidade em termos abarcadores sempre mais vastos e compreensíveis até chegar a um abarcador último que não seja contido por nenhum outro. (2003, p. 199).

Bento Silva Santos também destaca outra importante hipótese em seu artigo: a de que os gêneros e as espécies que são representados por nossas ideias universais, não passam de simples noções e afecções do espírito, ou seja, que tudo que possamos obter pelas ideias universais não correspondem, de fato, com a realidade. Diante disto, Boécio apresenta uma solução tomada anteriormente por Alexandre de Afrodísia⁹, onde os sentidos são comunicáveis com as coisas no estado de confusão e o espírito que desfruta da dissociação e da recomposição é capaz de se separar dos corpos, considerando-os à parte, percebendo propriedades que só podem ser encontradas nestes corpos, por exemplo, os gêneros e as espécies:

A originalidade de Boécio consiste, portanto, em sustentar que – a fim de assegurar a possibilidade da passagem da sensação ao pensamento do ponto de vista da semelhança essencial – é o mesmo sujeito que, em um certo sentido, é universal, quando é pensando e, em um outro sentido, singular, quando é percebido sensivelmente nas coisas onde ele tem seu ser (*Ibid*, p. 201).

Podemos ainda levantar a probabilidade de o espírito captar tal distinção pelos seres incorpóreos, achando-os abstratamente e considerando-os à parte, como uma forma nua e pura. Sabendo que o que é unido pelo pensamento também o é na realidade, Severino Boécio nos relata que o problema se dá pela existência da ligação dos universais

⁹ Alexandre de Afrodísia fora um grande filósofo e comentador de Aristóteles. Lecionou em Antea e pregou o conhecimento Peripatético.

com as coisas sensíveis, na medida em que só os reconhecemos a parte dos corpos. Não existe, por exemplo, uma ideia subsistente chamada “homem”, mas existem apenas vários homens singulares que, a partir deles, podemos abstrair suas características comuns para a formulação do conceito universal de “homem”. Essa teoria vai produzir as bases para a principal vertente encontrada no século XII, a saber, o *realismo moderado* de Pedro Abelardo.

Além de Aristóteles e Alexandre de Afrodísia, podemos perceber algumas familiaridades da concepção Boeciana sobre os universais com pontos de vistas de outros importantes filósofos anteriores a ele. O fato de que a realidade que revela os universais ser a realidade da ideia assemelha-se ao já mencionado Santo Agostinho, na medida em que ele concebe que a sensação não é uma mera paixão acarretada pelas ações consequenciais do corpo, mas sim pelo ato na qual a alma julga as paixões sofridas; sendo as impressões sensíveis transportadoras das ideias:

Quanto à vontade, que daqui para aí leva e traz o olhar da alma para informar e ligar o objeto; uma vez o tendo informado, se ela concentra-se toda nessa imagem interior e desvia totalmente o olhar da alma da presença dos seres que rodeiam e dos próprios sentidos corporais, será encontrada tal semelhança entre a figura corporal impressa na memória com a expressão da lembrança, que nem a própria razão conseguirá discernir se o que vê é um corpo extrínseco, ou se é o pensamento formado em seu interior (AGOSTINHO, 1994, p. 7).

O último trabalho de Boécio

Mesmo Boécio tendo sido um dos principais formuladores de uma concepção acerca dos problemas dos universais na Idade Média, sua fama não será por conta disso. Devido a desacordos políticos e por ser acusado de traição, Boécio foi preso e condenado à morte pelo rei Teodorico, o grande¹⁰:

Na Guerra Gótica, o historiador bizantino Procópio de Cesareia conta: “Simaco e Boécio, seu genro, homens de antiga nobreza, estavam entre os mais autorizados senadores romanos, ambos revestidos de nobreza consular. Os dois se dedicaram à investigação filosófica e se destacaram por seu senso de justiça. Utilizando suas riquezas, socorriam amplamente tanto cidadãos como estrangeiros; exatamente por isso, alcançaram amplo renome, mas também atraíram invejas de homens capazes de toda a perfídia. Persuadido pelas calúnias dessa gente, Teodorico ordenou sua morte sob acusação de tramarem uma rebelião e fez com que seus bens fossem confiscados”. Na realidade, o processo contra Boécio não foi (...) um caso de vingança pessoal ou um episódio isolado, mas sim o momento culminante de um surdo e extenso contraste político e o sinal de uma mudança radical de métodos de governo por parte de Teodorico (REALE; ANTISERI, 1990, p. 4643).

¹⁰ Falvius Teodoricus foi um dos grandes monarcas dos *godos* orientais, dos *astrogodos* e reis da Itália.

É, pois, no chão frio da sua cela que ele compõe aquela que viria ser a sua obra prima. *A Consolação da Filosofia* transcorre seus pensamentos sobre um Deus de providência, cuja sua vontade é soberana e impossível de se livrar. É preciso aceitá-la, independentemente da situação adversa que o homem esteja, para que então ele possa ser verdadeiramente feliz. Essa vontade só pode ser reconhecida como tal por que o homem possui nele a razão que é a única capaz de conhecer a vontade de Deus. A liberdade do homem consiste justamente no fato dele se aproximar espontaneamente das coisas divinas e se afastar das coisas sensíveis – uma interpretação filosófica que tenta mesclar a ética Aristotélica, o livre-arbítrio Agostiniano e o determinismo Estóico:

Pobres dos mortais! Por que falsos caminhos vos levam a vossa ignorância! [...] Mas onde se encontra o bem que eles cobiçam mais, pouco lhes importa ignorá-lo; Ao invés de procurar para além do céu estrelado, eles procuram mergulhados na Terra. Que insulto há que seja da mesma medida? Que seja! Busquem eles riquezas e honras. Quando reconhecerem a vacuidade de tudo isso, aí aprenderão a distinguir os verdadeiros bens (BOÉCIO, 1998, p. 70- 71).

O último trabalho de Boécio marca a passagem decisiva da filosofia Patrística para a Escolástica. Sua tentativa de convergir às doutrinas cristãs, estabelecidas pelos santos padres da igreja, com as teorias filosóficas de Aristóteles vai se tornar a marca emblemática de toda a filosofia Escolástica. Alberto Magno e Tomás de Aquino, por exemplo, principais nomes do século XIII, deram continuidade ao trabalho de Boécio e, por conseguinte, buscaram definitivamente *aristotelizar* tanto o ocidente quanto o cristianismo.

Conclusão

Severino Boécio encontrou, ao traduzir a *Isagoge* de Porfírio, a luz necessária para formular seus próprios pensamentos. Ao pensar os problemas dos universais pela primeira vez em seu tempo, ele acabou por resgatar o pensamento lógico de Aristóteles tanto para sua filosofia quanto para o cristianismo. Para Boécio, os universais só poderiam ser apreendidos através dos sentidos, pois assim não haveria incoerência em compreender como eles poderiam ser singulares aos seres e, concomitantemente, estarem presentes em todos eles – de forma a mostrar certa multiplicidade.

Essa compreensão – conquanto seja muito basilar, se a compararmos frente aquelas que surgiram desde então –, serviu como base para a construção da posição daquele que tornou-se um dos mais importantes pensadores da Escolástica, a saber, Pedro Abelardo. Destarte, diante da curta exposição que logramos no presente artigo, podemos afirmar que o valor da filosofia de Severino Boécio consiste, substancialmente, em ser o primeiro a dar início a grande “corrida” sobre o exercício da razão acerca do problema dos universais.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Trad. e notas de Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- BOÉCIO, Severino. **A consolação da filosofia**. Trad. de Willian Li. São Paulo: Martins fontes, 1998.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: Edipucrs; Recife: Unicap, 2002.
- DWYER, John. **Church history: twenty centuries of catholic christianity**. New Jersey: Paulist Press, 1998.
- GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GRABMANN, Martin. **Filosofia medieval**. Trad. de Salvador Minguíjón. Barcelona: Labor, 1949.
- REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990. vol. I.
- SANTOS, Bento Silva. Os argumentos de Boécio pró e contra dos universais no “segundo comentário à Isagoge de Porfírio”. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 30, n. 97, 2003, p. 187-202. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/496/919>
Último acesso: 31/01/2014. 11:00

Texto recebido em: 16/06/2015
Aceito para publicação em: 05/05/2016